

**As três fases de imperialismo e porque
a realidade espiritual deve acompanhar a material**
Rudolf Steiner

GA 196* Décima sexta palestra Dornach, 20 de fevereiro de 1920

Tradução: Salvador Pane Baruja, 02/01/2025

Uso particular e sem fins lucrativos

NT: O ciclo de palestras desta obra completa foi proferido numa época que os editores da edição em alemão, R. Friedenthal und J. Waeger, descrevem como “de abertura (...)”. Os eventos históricos - o final da primeira guerra mundial, o opressivo tratado de paz de Versailles e a miséria econômica - tornaram as almas acessíveis ao novo, mas também cresceu a inimizade, porque a antroposofia passara a ser mais conhecida. As palestras abordam questões básicas da ciência espiritual e dessa época. As últimas três sobre o desenvolvimento histórico do imperialismo foram motivadas pela presença de um grupo de antropósofos ingleses, portanto, membros do país que ainda era o {no original} exemplo da estrutura que o imperialismo tinha”. A palestra foi taquigrafada por Helene Finckh.

Minha palestra de hoje tem um caráter episódico, abre um parêntese nas nossas observações, pois gostaria que os nossos amigos ingleses, que logo voltarão à sua terra, possam levar consigo o máximo que for possível daqui. É por isso que estruturei esta palestra de tal forma que um ou outro {NT: aspecto} possa servir como necessário e eficiente apoio. Na verdade, eu gostaria inicialmente de desenvolver algo sobre a história do imperialismo, do ponto de vista da ciência espiritual, mas não muito relativo à atualidade, o que poderia ser eventualmente abordado amanhã.

O imperialismo é um fenômeno que tem sido de tal forma muito discutido nos últimos tempos, que aqueles que o discutem têm consciência em menor ou maior grau da sua relação com a totalidade dos fenômenos sociais da atualidade. Mas quando se discute esses temas, não se leva em consideração, ou pelo menos não suficientemente, que nós vivemos no devir histórico da humanidade. Isto é, que nós nos encontramos numa época muito específica do desenvolvimento histórico da humanidade e que ela só pode ser compreendida quando se sabe de onde vêm esses fenômenos que hoje nos envolvem, nos quais hoje em dia vivemos. ções

Fundamentalmente, vê-se no início aquilo que hoje é o eficiente imperialismo e que se estende no futuro, cujo portador será a população anglo e americana, tem essa denominação desde data muito recente. Esse imperialismo revela-se como sendo o imperialismo econômico. Contudo, o fundamental é que tudo aquilo que se fala em relação a esse imperialismo econômico não é verdade, mas é tudo falso, e eu diria que tudo o que paira no ar leva, consciente ou inconscientemente, à inverdade.

Mas para reconhecer que em nossa época as realidades são muito diferentes do que se diz a respeito das realidades, bom, para isso é necessário dirigir um olhar profundo no devir histórico desse tema. Eu só preciso mencionar um elemento para, de certa forma, caracterizar a capacidade de discernimento da opinião pública da atualidade. Temos visto que, inicialmente, Woodrow Wilson foi glorificado nos mais diferentes lugares da Europa e, finalmente, inclusive na Alemanha.

Os nossos amigos suíços sabem muito bem que, durante essa glorificação de Woodrow Wilson também aqui na Suíça, eu tenho me pronunciado sempre da maneira mais rigorosa contra Woodrow Wilson, pois aquilo que hoje o Woodrow Wilson é evidentemente já era nos tempos em que foi glorificado no mundo inteiro¹.

Hoje em dia, anuncia-se nos Estados Unidos que já se pensa em declarar Woodrow Wilson incapaz de assumir o governo, pois duvida-se de sua capacidade de discernimento, mas, por outro lado, com isso não quero dizer que seja a mais profunda verdade. O juízo da opinião pública, que na atualidade rumoreja pelo mundo, vê-se bem caracterizado nessas situações, especificamente seus valores são caracterizados.

Nesse sentido, só é preciso lembrar-se de um outro fato. Nos últimos quatro ou cinco anos, falou-se extraordinariamente muito de todas essas belas coisas, como da auto determinação dos povos e coisas do gênero. Nada disso é verdadeiro, pois o que existia por trás era algo completamente diferente, eram evidentemente questões de poder. Quem quiser entender do que se trata, deve voltar às realidades daquilo que se fala, pensa e julga. Isto deve ser considerado quando se aborda esses temas, especialmente quando se fala uma palavra como imperialismo – desde o início do século XX a palavra oficial na Inglaterra é federação imperialista² –, pois nós temos neles as mais extraordinárias deduções, frutos tardios do desenvolvimento, que conduzem a tempos muito antigos, e só encontra o seu significado através daquilo que pode oferecer uma verdadeira observação da história.

Não queremos recuar tanto no desenvolvimento da humanidade como é possível do ponto de vista da ciência espiritual, mas queremos pelo menos recuar até alguns milênios anteriores ao surgimento do cristianismo. Assim, encontramos inicialmente reinos imperialistas na Ásia, uma variedade deles no Egito. Especialmente característico do impulso oriental é o historicamente muito conhecido reino persa, mais especificamente o reino assírio.

Acontece que não é possível entender esta primeira fase do imperialismo quando só se considera o último estágio histórico conhecido do reino assírio, porque simplesmente não é possível captar o impulso que dominava o reino assírio, a menos que se recue a estágios orientais mais anteriores ainda.

Mesmo na China, cuja organização remonta a tempos muito antigos, algo tem mudado de tal forma que não se pode mais reconhecer na organização que ainda existiu nos tempos mais recentes a verdadeira característica que marcava plenamente o imperialismo oriental do passado anterior. Mas ainda é possível, a partir das relações historicamente conhecidas, compreender aquilo que de fato fundamenta {o imperialismo oriental}.

1 Na palestra pública “Antroposofia e Sociologia. Resultados da ciência espiritual sobre o direito, a moral e as formas sociais de vida”, Rudolf Steiner discordou de Wilson, que pretendia compreender a estrutura social a partir de idéias das ciências naturais (publicada na Obra Completa volume 73 *A complementação das ciências atuais pela antroposofia*, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, segunda edição, 1987). As citadas dificuldades de Wilson na sua volta aos Estados Unidos levaram afinal ao resultado que esse país não ratificou o Tratado de Versailles, no qual Wilson participou ativamente. No seu lugar, o republicano Harding foi eleito em 1920 por esmagadora maioria presidente desse país.

2 A Liga da Federação Imperialista foi fundada em 1884 na Inglaterra. O imperialismo da “Grã Bretanha” tornou-se um visível fator de poder na virada do século XX por meio das atividades de Joseph Chamberlain (1836-1906).

Não se pode entender bem o imperialismo oriental, o antigo imperialismo, se não se sabe o que ficou na consciência da opinião pública da relação do povo com, digamos assim, o que hoje chamamos de um soberano ou os soberanos de um reino. Evidentemente, palavras como soberano, rei e semelhante que hoje utilizamos não expressam mais aquilo que o soberano sentia naquela época. Hoje em dia é muito difícil ter uma imagem do que foi todo o mundo de sentimentos e sensações que dominaram os imperialismos orientais três a quatro mil anos antes de Cristo, porque na atualidade dificilmente se considera a maneira como o ser humano pensava nesses tempos antigos a respeito dos seres do mundo espiritual em relação ao mundo físico.

A maioria das pessoas que hoje dia pensam a respeito do mundo espiritual, se é que o fazem, referem-se a um mundo espiritual em algum lugar distante, no além ou algo parecido. E quando se fala do mundo espiritual, como se deverá falar no futuro como algo que existe entre nós igualmente como o mundo sensorial, tudo acaba irrompendo no mundo moderno, como aquilo que, por exemplo, gerou a consciência do protestantismo. Fato é que, no passado, essencialmente não se fazia de jeito qualquer diferença entre o mundo físico e o mundo espiritual.

Isso é de tal forma certo que, quando se fala de temas que se relacionam a esses tempos muito antigos, o ser humano da atualidade praticamente nada consegue imaginar de maneira razoável, tamanha é a diferença entre o mundo das representações do ser humano do passado e o mundo do homem de hoje. Aquilo que existia fisicamente, os dominadores, a casta dominante, os escravizados, os dominados, era a realidade, não algo que fosse chamado de a realidade física, mas era a realidade, que era ao mesmo tempo a realidade física e a realidade espiritual.

E o que era o soberano do reino oriental? O soberano do reino oriental era Deus. Nos tempos passados, e ainda falo de tempos passados, no amplo espectro do povo não existia um Deus além das nuvens, não existia um coro de espíritos que, por sua vez, estava em torno do Deus mais elevado. Esses são conceitos que surgiram mais tarde ao longo da evolução da Terra. Pelo contrário, o que hoje chamaríamos de ministros ou funcionários bajuladores, de certa forma perojativa ou mesmo desrespeitosa, eram entidades de natureza divina. Sabia-se {nesses tempos passados} que essas pessoas passaram por mistérios iniciáticos e elevaram-se de certa forma acima das pessoas comuns.

Elas eram vistas da mesma forma que a consciência protestante enxerga o seu Deus ou como pessoas de grupos mais liberais consideram os seus anjos invisíveis. Pois, os povos do antigo Oriente não conheceram anjos adicionalmente invisíveis ou um Deus adicionalmente invisível no além. Tudo o que era espiritual vivia no ser humano. Na pessoa comum vivia uma alma humana. No que hoje chamaríamos de um soberano vivia uma alma divina, um Deus.

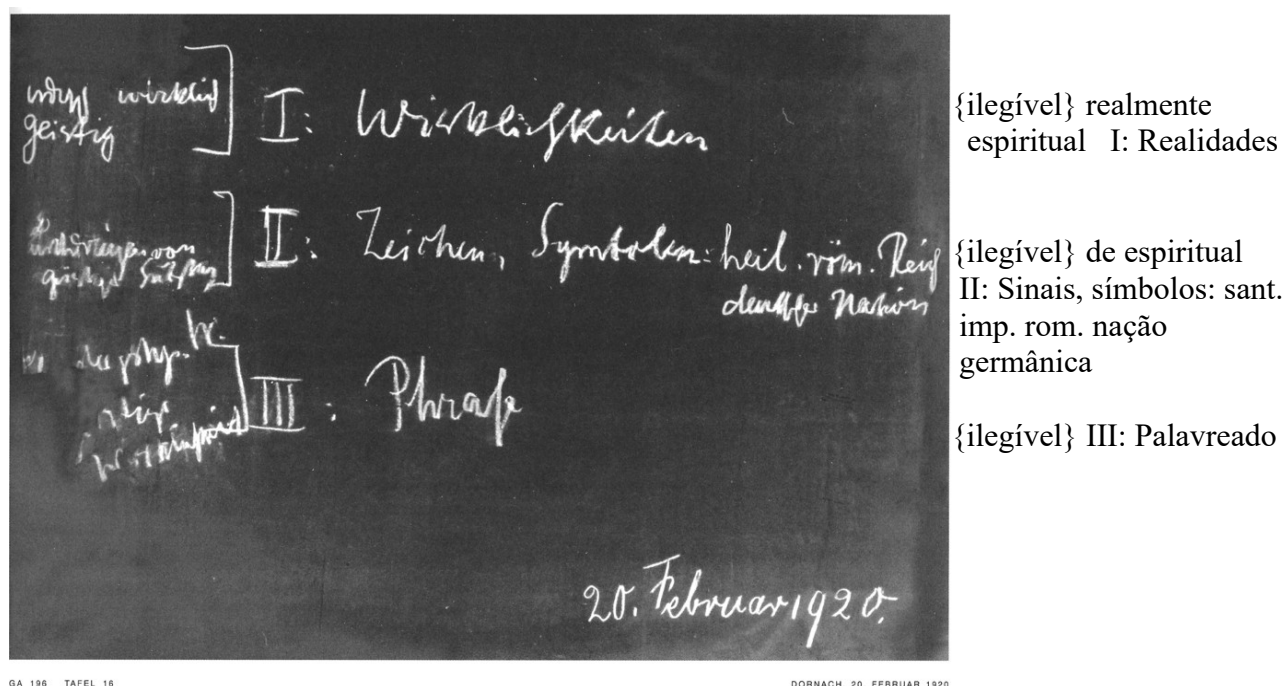
Hoje não é mais possível imaginar que existiram pessoas que tinham representações mentais de um reino divino verdadeiramente existente e que, ao mesmo tempo, era um reino material. Por exemplo, que o reino realmente tivesse poder e dignidade divinos é hoje evidentemente algo absurdo, mas nos imperialismos orientais do passado era realidade. Só não se falava do que somente poderia ser exprimido espiritualmente.

Uma exceção disso existiu no {antigo} Egito, disse eu, pois houve uma transição para épocas mais recentes. Pesquisando as formas mais antigas de imperialismo, vê-se que esse imperialismo estipulava que o rei era um Deus, que realmente aparecia fisicamente na Terra, o filho do céu que realmente aparecia fisicamente na Terra, que inclusive era o Pai do céu. Isto é de tal forma paradoxal para as pessoas da atualidade, que parece pouco crível, mas é assim.

Mas daí conclui-se o que ainda é possível observar em documentos originais assírios sobre a forma como se justificavam as conquistas imperialistas: elas eram simplesmente realizadas. O direito a realizar essas conquistas baseava-se na permanente expansão do reino divino. Assim que uma região fora conquistada e seus habitantes transformados em súbitos, estes tinham que adorar o conquistador como seu deus. Naqueles tempos antigos, não se pensava de jeito nenhum na expansão das visões religiosas do mundo.

E porque seria necessária uma expansão religiosa? É que pensava-se que tudo ocorria realmente no mundo físico. Quando os habitantes da região recém conquistada reconheciam exteriormente o conquistador, quando o obedeciam, aí então estava tudo certo, independente do que os súbitos pensassem. Naqueles tempos antigos, não se tocava de jeito na crença, que era a opinião pessoal de cada um. Ninguém se interessava por isso.

Essa a primeira forma que o imperialismo assumiu. A segunda forma foi aquela na qual o soberano, quem mandava e devia assumir um papel de liderança, não era Deus, mas um enviado de Deus ou inspirado nele, imbuído de Deus. Nos imperialismos da primeira forma (veja-se desenho^{NT} abaixo) tinha-se a ver com realidades. Isto é o fundamental. A primeira fase dos imperialismos tinha a ver com as realidades.



Quando um soberano oriental desses tempos passados se mostrava ao povo, aparecia trajando seus ornamentos, porque por ser deus estava autorizado a vestir essa indumentária. Era a roupa de um deus. Esse era o aspecto de um deus. Isso nada mais significava do que a roupa do soberano era o modo como ele aparecia entre os deuses. Seus paladinos não eram algum tipo de burocrata ou algo parecido, mas eram seres superiores que o acompanhavam e, devido à suas qualidades de seres superiores, faziam o que faziam.

NT: Este desenho feito por Rudolf Steiner no quadro negro durante a palestra não foi publicado na edição em alemão utilizada para esta tradução, mas consta do livro *Wandtafelzeichnungen zum Vortragswerk*, de Rudolf Steiner, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, 1998, volume III, p. 29.

Como disse anteriormente, logo chegou o tempo em que o soberano e seus paladinos se apresentaram como enviados de Deus, como representantes de Deus. Isso transparece fortemente nos escritos de Dionísio, o Aeropagita³. Os senhores deveriam ler como ele descreve toda a hierarquia de diáconos, arquidiáconos, bispos, arcebispos e toda a hierarquia mais elevada da igreja {católica}. Como apresenta ele isso? Dionísio, o Aeropagita, apresenta isso na sua totalidade de tal forma que essa hierarquia religiosa terrena é uma imagem daquilo que Deus é no supra sensível, junto com seus arqueus, arcanjos e anjos. Assim, no alto está a hierarquia celestial e abaixo a sua imagem, a hierarquia secular.

Portanto, os membros da hierarquia secular, os diáconos, os arquidiáconos, vestiam suas paramentos, ou executavam seus atos, porque esses eram sinais, símbolos. Na primeira fase tudo tem a ver com realidades. Na segunda, com sinais, com símbolos. Naturalmente, tudo isso também foi mais ou menos esquecido. Na consciência geral da humanidade da atualidade pouco persiste, mesmo entre a população católica, que os diáconos, os padres, os deões {decanos, reitores}, os bispos, os arcebispos, são os representantes, os substitutos, da hierarquia celestial. Mas só foi esquecido. A evolução do imperialismo gerou uma divisão, diria eu, uma verdadeira divisão. De um lado, reluzia aquilo que a liderança, o soberano, possuía por estar mais próxima aos sacerdotes, que eram reis. Do outro, reluzia mais para o profano, mas ainda como graça de Deus, como enviados de Deus. No fundo, são apenas duas formas diferentes e ambas estão presentes no desenvolvimento histórico: as comunidades eclesiásticas e as comunidades imperiais.

Algo assim teria sido impensável na primeira etapa dos imperialismos, quando todo o físico era a realidade. Mas na segunda fase ocorreu essa divisão. De um lado, {o soberano era} mais profano, mas ainda um enviado de Deus; do outro, {o soberano era} mais eclesiástico, também um enviado de Deus. Isso se estendeu até a Idade Média e na verdade, eu diria, de uma forma histórica muito característica até o ano de 1806, mas já como uma reminiscência de uma espécie de vida de um império exterior, de uma realidade exterior dos reis enviados por Deus, dos paladinos enviados por Deus e por aí afora.

Sim, a igreja romana estava exteriormente em expansão, mais tingida no sentido sacerdotal. Mas aquilo que se manteve ao longo de toda a Idade Média, aquilo que manteve rigorosamente durante toda a Idade Média o caráter de enviados de Deus no plano físico da Terra, isso é o que, como eu disse anteriormente, somente desapareceu em 1806 junto com o chamado “Santo Império Romano Germânico”^{NT}. Assim foi chamado aquilo que existiu na Europa Central como sendo um tipo de império: o Santo Império Romano Germânico. Na palavra “Santo”, os senhores ainda encontram um vestígio daquilo que, nos tempos antigos, fora o divino na Terra. “Romano” aponta a origem, de onde é que ele {o império} partiu. “Germânico” é para onde {o império} havia se transferido, que já era mais profano.

3 Ele fazia parte do Juizado do Aerópago em Atenas e se converteu ao cristianismo graças a Paulo (conforme Atos dos Apóstolos 17,34). Seus escritos somente foram citados no século VI depois de Cristo. Sob seu nome foram preservadas até hoje as obras *Sobre os nomes divinos*, *Sobre a teologia mística* e os dois volumes casados *Sobre a hierarquia celestial* e *Sobre a hierarquia eclesial*.

NT: A tradução literal para o português, tanto a partir do latim quanto do alemão, é Santo Império Romano da Nação Germânica, mas corriqueiramente é abreviada para Santo Império Romano Germânico. Eu acabei adotando esta última versão.

É assim que, na segunda fase do imperialismo, não temos mais o simplesmente consagrado imperialismo da igreja, mas o caos conjunto do divino e do profano no reino. Isso começou ainda no período pré-cristico com o antigo império romano e se estendeu até o final da Idade Média. Os imperialismos que assim surgiram sempre tiveram um caráter duplo, como foi o Santo Império Romano e Germânico, que de fato remonta a Carlos Magno. Só que é o Papa quem coroa Carlos Magno em Roma. Portanto, inclusive exteriormente a dignidade real torna-se um símbolo, de tal forma que, aquilo que existe aqui na Terra física, não é mais a realidade.

As pessoas na Idade Média não adoraram Carlos Magno ou Otão I^o como se fossem deuses, a exemplo do que ocorreu em tempos remotos, mas viram neles seres humanos enviados pelos deuses. Isso deve ser enfatizado uma e outra vez. Claro está que isso esteve cada vez menos presente na consciência das pessoas. Mas mesmo que isso foi algo exterior, ainda tinha seu significado, foi pelo menos algo simbólico, foi um sinal da realidade. Os imperadores do Santo Império Romano e Germânico viajavam a Roma para ser coroados pelo Papa. Assim também Estéfano I^o foi coroado rei da Hungria no ano 1000 pelo Papa. Quem tinha poder religioso ou espiritual consagrava e outorgava poder a quem mandava no mundo.

Mas aquilo que penetrava e agia na consciência das pessoas levava-as a acreditar que era legítimo incluir outras pessoas nesse reino, que fora consagrado pelos próprios deuses através de seres humanos. É por isso que mesmo Dante era da opinião de que, no fundo, o imperador do Santo Império Romano e Germânico tinha legitimidade para dominar o mundo inteiro. A fórmula do imperialismo vê-se justamente na frase de Dante⁶.

As lendas e os relatos, que cristalizam a evolução história da consciência da humanidade, expressam em geral temas que devem ser observados dos mais diferentes pontos de vista e não somente a partir de um lado. Pode-se dizer que, na Europa dos séculos XI e XII, ainda existia plenamente uma forte consciência, mas na verdade uma consciência não muito clara ou seja apenas uma forte sensação de consciência, de que nos tempos antigos lá no Oriente viveram seres humanos na Terra que eram autênticos deuses.

4 Carlos Magno (742-814) foi rei dos francos a partir de 768 e, de 800 em diante, imperador romano. Foi o primeiro imperador alemão coroado em Roma pelo papa Leo III. Otão I, o grande (912-973), filho do rei da Germânia Henrique I, foi imperador de 936 a 973.

5 Estévão I ou Santo Estévão (969-1038). Seu pai, o duque Gêza, começou a cristianização nas regiões próximas à Hungria, mas após sua derrota na batalha de Lechfeld (955) a resistência de nobres ateus também chegou a essa área, que só acabou quando Estévão se impôs contra eles. Estévão consolidou tanto o Estado quanto a igreja e foi santificado pela igreja católica em 1087.

6 Do livro de Dante Alighieri, Monarquia, na primeira parte, capítulos VII e IX, consta: “(...) Portanto, o gênero humano encontra-se em bom estado, sim, em melhor estado, quando, conforme suas forças, imita Deus. Mas o gênero humano só será o mais semelhante possível a Deus quando atingir a unidade, pois a verdadeira unidade encontra-se somente em Deus (...). Assim, o gênero humano aproxima-se mais à unidade, quando se une num só, e isto só é possível, quando ele na sua totalidade só é súbdito de *um* {no original} senhor”. Outra tradução: “Segundo as escrituras, é desígnio de Deus que todos os seres criados tenham em si a imagem de Deus. O gênero humano aproxima-se a essa imagem quando atinge a unidade, pois Deus é a mais elevada unidade (...). O gênero humano é o filho do céu, mas o céu só é dirigido por um único dirigente: Deus. Portanto, o gênero humano encontra-se na melhor situação quando é regido por um único” {NT: a tradução ao português foi feita a partir do alemão e não do original em latim.}.

Não se pensava, por exemplo, que isso seria uma superstição, não, mas pensava-se que esses deuses não podiam mais viver na Terra, porque ela tornara-se muito ruim. Aquilo que transformara homens em deuses tinha se perdido, o Santo Graal tinha se perdido. Na Idade Média, as pessoas achavam que ele só podia ser alcançado somente assim como Perceval o tinha alcançado. Buscava-se encontrar interiormente o caminho a Deus, enquanto que no passado Deus fora uma realidade no império {da Terra}. O império tornara-se apenas um acúmulo de símbolos, de sinais, e era preciso achar Deus a partir desses símbolos, a partir desses sinais.

Assim, ficaram somente restos de tudo aquilo que antigamente existira no mundo. A realidade tornara-se algo inatingível para as pessoas. Restos dela permaneceram. Restos das mais diferentes formas. Em geral, na medida em que as coisas são realidades, elas são evidentes no mundo, mas posteriormente tornam-se ambíguas. É assim que na Europa a ambiguidade surge a partir da antiga evidência. Enquanto o Santo Império Romano e Germânico teve um significado na consciência das pessoas, o representante desse Santo Império Romano e Germânico foi de certa forma também poderoso, eficiente, para controlar os símbolos singulares do anjo, que eram os soberanos regionais, pois ainda existia a consciência de que ele {esse representante} tinha mesmo esse direito.

Mas o direito {desse representante do Santo Império Romano e Germânico} estava fundamentado em algo relativamente ideal. Que gradualmente foi perdendo o seu significado. É assim que sobraram os soberanos regionais. De certa forma, algo foi sugando aos poucos a verdadeira substância intrínseca do Santo Império Romano e Germânico, que assim acabou ficando apenas como fachada. Perdeu-se a consciência de que os seres humanos na Terra são enviados de Deus. O protestantismo é a expressão de que deixou-se de se pensar que os seres humanos na Terra são enviados de Deus. O protestantismo é o protesto contra o real significado de que os seres humanos na Terra são enviados de Deus.

Se o princípio do protestantismo tivesse penetrado total e coerentemente {o clero católico da época}, nunca mais uma cabeça coroada ou rasurada poderia ter sido intitulada de “pela graça de Deus”. Mas sempre ficam restos das coisas. Até 1918, ainda ficaram restos, depois sumiram. Esses restos, que interiormente já tinham perdido todo e qualquer significado, ainda estavam aí como fenômenos exteriores. Os príncipes alemães regionais eram esses fenômenos exteriores e só tiveram significado nos velhos tempos, quando eram os símbolos de um inspirante império celestial.

É assim que ainda ficaram outros restos e as pessoas não tinham consciência de que os restos perduravam. Ainda não faz muito tempo, surgiu uma carta pastoral de um bispo da Europa Central, talvez foi um arcebispo⁷. Nela, dizia-se que o sacerdote católico é mais poderoso do que Cristo Jesus, pelo simples fato de que, quando o sacerdote consuma no altar a transubstanciação, Cristo Jesus deve estar presente na hóstia, ou seja, é o poder do sacerdote que realmente realiza a transubstanciação. Ou seja, o ato do sacerdote obriga Cristo Jesus a estar presente no altar. Portanto, Cristo Jesus não é mais poderoso, mas é o sacerdote que realiza no altar a transubstanciação!

Se quisermos entender algo assim que ainda alguns poucos anos atrás constava de uma carta pastoral, não devemos recuar aos tempos do segundo imperialismo, mas aos tempos do primeiro imperialismo, {para constatar} como formas variadas do primeiro imperialismo perduraram na igreja católica e nas suas instituições. Nelas ainda perdura um resto da consciência daqueles que mandaram na Terra e eram deuses, enquanto que o Cristo Jesus era apenas o filho de Deus.

⁷ Refere-se ao arcebispo de Salzburgo, Áustria, Johannes Baptist Katschthaler (1832-1914). Sua carta pastoral de 2 de fevereiro de 1905 “A honra que merece o sacerdote católico” foi publicada por Carl Mirbt em *Fontes do papado e do catolicismo romano*, quarta edição, 1924, capítulo 645, p. 497 - 499. O texto é reproduzido no final desta tradução.

O conteúdo dessa carta pastoral é, evidentemente, impossível para a consciência protestante, assim como, afinal, para o homem da atualidade é impossível acreditar que alguns milênios atrás as pessoas viam Deus na pessoa do soberano. Mas tudo isso é mesmo um conjunto de fatores históricos, de fatos reais, fatos que exerceram influência no devir histórico, na realidade histórica, e cujos restos existem até os dias de hoje.

É assim que realidades passadas influenciam fortemente fenômenos posteriores. Não é assim que a concepção inicial continua a mesma, mas as práticas que surgem a partir dessas concepções permanecem as mesmas. Vejam os senhores como o maometismo se propagou. Com certeza, não foi Maomé⁸ quem disse: Maomé é o vosso Deus, como deveria dizer um sacerdote oriental com poder secular alguns milênios atrás. Ele se restringiu a dizer aquilo que já era adequado àquela época: Maomé é o profeta de Deus. Portanto, Maomé já assumira que ele era um enviado de Deus, da segunda fase do imperialismo.

Contudo, o maometismo ainda estava na primeira fase do imperialismo, no que diz respeito à maneira como se espalhou. Pois os muçulmanos nunca foram intolerantes perante pessoas que professavam outra religião como aquelas {de outras religiões} que se dedicavam à conversão. Os muçulmanos ficavam satisfeitos em conquistar as outras pessoas e transformá-las em súbitos, assim como acontecia nos velhos tempos, quando o importante não era a conversão {dos vencidos}, pois, afinal, era indiferente o que se pensava, enquanto se reconhecesse o Deus {do vencedor}. A forma como o maometismo se espalhou é típica da primeira fase do imperialismo.

No despotismo russo do tzarismo, ficou algo da primeira fase do imperialismo, fortemente tingida pela segunda. Toda a maneira como pensavam as pessoas que reconheciam o tzar mostrava que, pelo menos no estado de espírito, ainda vivia algo que remontava à primeira fase do imperialismo.

É por isso que na Rússia era menos importante aquilo que cresceu a partir do que vivia no povo russo junto com o que vinha do tzarismo. Afinal, o poder do tzarismo tinha mais a ver com elementos germânicos e mongóis do que com o verdadeiro campesinato russo. É assim que {no tzarismo} ficaram restos de tempos passados. Mesmo em períodos de tempos mais curtos, é possível ver como os restos do passado ainda permanecem.

Agora, a terceira forma de imperialismo só foi formulada no século XX, depois que Chamberlain⁹ e seus seguidores cunharam o conceito de “federação imperial”. Mas as causas {de seu surgimento} remontam bem no passado, até a segunda metade do século XVII. Foi quando ocorreu aquela grande transformação, pela qual em todas as regiões ocidentais nas quais reside a população anglo americana a monarquia, que inicialmente era Deus e depois o enviado de Deus, foi levada a ter uma existência esquecida, foi levada a ter não necessariamente uma existência decorativa, mas a ser meramente tolerada, enquanto que de fato desde o século XVII instala-se aquilo que claramente era o objetivo desejado, inicialmente conforme as diversas classes {sociais}, mas depois para toda a população.

8 Maomé, em árabe, o louvado, (570-632), foi o profeta e fundador do Islamismo.

9 Estadista britânico (1936-1914).

Ora, o povo anglo americano traz outros pré-requisitos em relação à vontade popular e ao sistema eleitoral que emana do povo do que, por exemplo, o povo francês ou mesmo o latino. Certamente que o povo latino, especialmente o francês, viveu a revolução do século XVIII, mas sob influência daquilo que algumas horas atrás acabei de caracterizar para o senhores¹⁰, o povo francês é de fato hoje em dia {1921} o povo mais monarquista de todos. Monarquismo não é somente quando se tem um rei no alto {do sistema político}.

Com certeza, uma pessoa não pode andar muito bem por aí depois que lhe foi cortada a cabeça, mas o povo francês é monarquista, imperialista, mesmo sem ter um rei. Isso tem a ver com a constituição anímica. Esse sentimento compacto, essa consciência do povo, de sentir-se unido, é plenamente um verdadeiro resto da consciência de Luís XIV¹¹. Mas foram outros pré-requisitos que o povo de fala inglesa demonstrou naquilo que pode ser chamado de a vontade popular.

Assim, progressivamente tornou-se realidade aquilo que fora publicado como uma opinião, tornou-se realmente o fluxo daquilo que surgiu a partir de pessoas eleitas para o Parlamento {inglês}, e se desenvolveu na terceira forma de imperialismo. Só posteriormente é que ele foi formulado, por exemplo, por Chamberlain e outros. Mas hoje queremos observar anímicamente esse terceiro {tipo de} imperialismo.

O primeiro imperialismo continha realidades: um ser humano era Deus para a consciência de outros seres humanos. Seus paladins eram deuses, que estavam ao seu redor, deuses subordinados a ele. A segunda forma de imperialismo consistia em que aquilo que existia na Terra era um sinal, era um símbolo. Deus apenas agia no ser humano. A terceira forma do imperialismo: aquilo que aqui na Terra inicialmente surge das almas mostra-se também com o caráter de símbolo, de sinal. Assim como a realidade passou a ser o sinal, o símbolo, assim também o sinal, o símbolo, passou a ser o palavreado.

É assim que o fato é apresentado de maneira puramente objetiva, sem qualquer exaltação anímica, a partir da necessidade do devir terrenal. Efetivamente, o que a partir do século XVII se desenrola na vida pública do povo anglo e americano, aquilo que se fala e se introduz na legislação, é certamente a vontade do povo, apresentada segundo as classes – talvez amanhã ou depois de amanhã poderemos caracterizar isso –, mas é um palavreado, que não tem sequer ligação com a realidade, assim como {na segunda forma de imperialismo ainda} existiu uma ligação entre o símbolo e a realidade.

Esse é o desenrolar do que ocorre anímicamente, que passa das realidades para os símbolos e destes para o palavreado, para palavras espremidas, esvaziadas {de conteúdo}. E o que ocorre por baixo das palavras espremidas, esvaziadas, somente isso é realidade. Nenhuma pessoa acha que elas são palavras divinas, menos ainda a partir de onde elas surgem.

10 Refere-se à palestra de 15 de fevereiro de 1920, incluída na Obra Completa 196.

11 Luís XIV (1638-1715) rei da França, também chamado de “rei sol”, a quem é atribuída a frase “O Estado sou eu”.

Pensemos no fundamento desse imperialismo, cujo elemento dominante é o palavreado. No primeiro tipo de imperialismo, existiam os reis; no segundo, os escolhidos; e agora o palavreado. Evidentemente, as decisões da maioria não se tornam nada real, mas apenas um palavreiro dominante. As realidades boiam debaixo disso e não são vistas de jeito nenhum como algo divino. Tomemos como exemplo um importante fundamento do que se mostra como sendo uma realidade: o colonialismo. O colonialismo tem um papel muito importante na formação do terceiro tipo de imperialismo.

Para o sistema colonial, para a disseminação do imperialismo pelas colônias, a “federação imperial” é, afinal de contas, uma forma especial de resumo. Mas como é que inicialmente se ligam essas colônias ao império? Os senhores devem se lembrar de casos reais: aventureiros, que não são necessários no império, que vivem desgarrados {da sociedade}, mudam-se para as colônias, ficam ricos e usam essa riqueza na pátria, mas mesmo assim não são pessoas bem vistas, continuam sendo {vistas como} aventureiras, como boêmios. É assim que o império colonial é reagrupado. Essa é a realidade que permanece sob o palavreado. Mas ficam restos.

Da mesma maneira como que das realidades originárias ficaram restos como símbolos e palavreados, ou melhor príncipes coroados simbolicamente ou tzares, assim ficaram dos empreendedores aventureiros as realidades dos, de certa forma, famigerados colonizadores, que são as realidades que aí ficam. Na verdade, alguém, digamos assim, “se apropriou” de algo. Seu filho não é mais assim muito famigerado, ele já cheira melhor, nem tem mais tanta má fama. Seu neto cheira melhor ainda e, hein, chega a época em que tudo já cheira bem. Quem já cheira bem pode começar a se apossar do palavreado, o palavreado já se identifica com a verdadeira realidade. O Estado já abre as suas asas, o Estado passa a ser o seu protetor e tudo será feito de maneira honesta.

É necessário pegar as coisas pelo lado da realidade, mas não se pode chamar as coisas pelos seus verdadeiros nomes, porque os nomes raramente descrevem realidades. Isso é necessário, porque somente assim pode-se entender os desafios que os tempos atuais colocam às pessoas e quais as responsabilidades que os tempos atuais impõem. Somente assim é que pode-se chegar a ver que a chamada história é uma *Fable convenue*^{NT}. Isto é, a história transmitida nas escolas e nas universidades. Essa história não dá os nomes aos bois, ao contrário, ela funciona de tal forma que, progressivamente, os nomes passam a ter significados incorretos.

O que acabei de apresentar é, realmente, algo muito ruim. Mas vejam os senhores, agora chegou a hora de dirigirem um pouco as suas percepções, os seus sentimentos, para as responsabilidades. Vejamos o outro lado. Inicialmente o antigo império. Na representação, a realidade era mesmo terrenal, o rei sacerdote saiu dos mistérios. O segundo {tipo de} império não era mais uma realidade terrenal, mas um símbolo. Era bem distante aquilo que no antigo império oriental os poderosos e seus paladinos vestiam como sendo costurado pelos deuses daquilo que {mais tarde} foi apresentado ao povo como sendo “a águia vermelha” ou a “águia preta” de terceira, segunda ou primeira qualidade.

NT: uma fábula combinada ou, em tradução livre, uma história para inglês ver. A frase é indistintamente atribuída aos franceses Bernard Le Bouyer de Fontenelle, Voltaire e Napoleão Bonaparte.

NT: referência ao fato de que, no início do século XX e até hoje, muitos países ainda usam condecorações com esses símbolos de poder.

Entretanto, esse é o desenvolvimento histórico. O que passou da realidade ao nada nem é um sinal, mas, no fundo, apenas a expressão do palavreado. Esse sistema generalizado do palavreado, que do oeste {NT: conforme o mundo visto a partir da Europa Central} se espalhou pelo mundo inteiro, penetrou inclusive nas questões oficiais. Eu cheguei a conhecer inclusive conselheiros titulares da corte! {NT: durante o Santo Império Romano Germânico, eram conselheiros do imperador, que, como títulos, ainda existem na Áustria republicana}. Bom, os conselheiros já tinham muito pouco para aconselhar, de qualquer forma pouco aconselhavam. Mas os conselheiros titulares da corte! Isso era mesmo um palavreado que era pendurado nessas pessoas. E, contudo, isso tem sua origem em antigos costumes, como acabei de mostrar.

Na primeira fase à qual eu fiz referência, temos aquilo que foi o império físico exterior, a realidade terrenal, pensado como algo todo espiritualizado. Na segunda, somente penetrado pela substância espiritual. E a terceira fase deve sair daquilo que acabei de falar, sair do império do palavreado e da realidade aqui apresentada. A terceira fase deve realizar aqui na Terra o reino espiritual. Enquanto que na primeira fase a realidade material era pensada como sendo espiritual, no futuro a realidade material não deve ser pensada como espiritual, mas o espiritual deve estar presente aqui no mundo material.

Ou seja, a realidade espiritual deve viver ao lado da realidade material. O ser humano deve andar pelo mundo da realidade material e reconhecer uma realidade espiritual, deve falar como sendo algo real, supra sensorial, invisível, mas é algo que deve ser fundamentada entre nós. Eu falei de algo muito ruim, falei do palavreado. Mas se o mundo exterior não tivesse se transformado em palavreado, o reino espiritual não teria penetrado no mundo. Justamente porque, afinal de contas, tudo o que é velho é um palavreado, é que surge o espaço vazio, no qual o reino espiritual deve penetrar. Justamente no ocidente, no mundo anglo e americano, caminha-se para uma situação na qual ainda vai continuar o palavreado, digamos assim, nos idiomas conhecidos, de coisas que provêm do passado. Como eu disse, [NT: o palavreado} vai continuar rolando como uma bola.

Vai continuar rolando nas palavras. Especialmente no ocidente, os senhores encontram incontáveis expressões que perderam todo e qualquer significado, mas que continuam sendo utilizadas. Mas não somente nessas expressões, mas em tudo que é designado com velhas palavras, vive aquilo que de fato é um palavreado, no qual não existe qualquer realidade, de onde a realidade foi retirada. É aí que existe lugar para que o espiritual ocupe espaço, pois não coincide em nada com o velho. O velho precisa primeiro virar palavreado, depois deve ser jogado fora tudo o que envelhece uma língua, e aí deve entrar algo absolutamente novo, que somente pode se expandir a partir do mundo espiritual.

Pois somente assim é que haverá um reino do Cristo na Terra. A expressão “meu reino não é deste mundo” deve ser realidade¹². No reino deste mundo, no qual inicialmente o reino do Cristo se expandiu, ainda existe muito desse mundo que ainda não virou palavreado. Mas no mundo ocidental, tudo o que tem origem nos tempos antigos está predestinado a ser palavreado. Sim, no ocidente, no mundo anglo americano, tudo o que é tradição vai virar palavreado. É daí que surge a responsabilidade de colocar nesse vaso vazio um espírito do qual pode-se dizer: esse reino não é deste mundo! Essa é uma grande responsabilidade. Importante não é como algo surgiu, mas como continuamos lidando com o que existe. E esses são os contextos.

12 João 18.36.

Amanhã, vamos falar como pode ser realizados esses contextos, pois nos países ocidentais sob a superfície existem sociedades ocultas muito ativas, que tradicionalmente puxam a segunda fase do imperialismo para a terceira. Isto é assim, porque no povo anglo e americano entrechocam-se dois imperialismos, o econômico de Chamberlain e o imperialismo simbólico das sociedades secretas, que se infiltraram muito eficientemente no conjunto da população, mas que agem completamente em segredo.

7 Adendo, com o conteúdo da carta citada: “Honra os sacerdotes, pois eles têm o poder de consagrar. Em virtude da consagração é que o sacerdote católico tem esse maravilhoso poder, somente ele e não os pastores protestantes. O poder de consagrar, de tornar presente o corpo do Senhor com o precioso sangue, com toda a sua santa humanidade e sua divindade em meio às formas do pão e do vinho; de transformar pão e vinho no verdadeiro corpo e no precioso sangue do nosso Senhor, que elevado e maravilhoso poder!

Onde no céu existe tamanho poder, como o do sacerdote católico? Entre os anjos? Na mãe de Deus? Maria recebeu Cristo, o filho de Deus, no seu seio e nasceu no estábulo em Belém. Sim. Mas considerem os senhores o que acontece durante a santa missa! Não acontece, de certo modo, o mesmo pelas mãos do sacerdote que abençoa durante a sagrada transformação? Sob a forma do pão e do vinho torna-se Cristo verdadeiro, real e essencialmente presente e, ao mesmo tempo, renasce. Lá em Belém, Maria deu à luz o seu filho divino e o enrolou nas fraldas, o sacerdote faz igualmente o mesmo e coloca a hóstia no corporal.

Maria trouxe uma vez o menino divino ao mundo. Vejam, o sacerdote faz isso não uma única vez, mas centenas e milhares de vez, tantas vezes como quanto celebra a missa.

No estábulo, o menino divino que Maria deu ao mundo era pequeno, capaz de sofrer e mortal. Aqui no altar sob as mãos do sacerdote está o Cristo na sua glória, incapaz de sofrer e eterno, assim como senta à direita do pai, triunfando gloriosamente, perfeito em todos os sentidos. Fazem elas o corpo, o sangue do senhor simplesmente presente? Não. Mas elas se sacrificam, elas oferecem o sacrifício ao pai divino. É o mesmo que o Cristo empapado de sangue fez no calvário e, sem sangue, fez na última santa ceia.

Lá o próprio eterno alto sacerdote Jesus Cristo sacrificou sua carne, seu sangue e sua vida perante o pai celestial, aqui na santa missa ele faz o mesmo através de seus representantes, os sacerdotes católicos. Ele colocou os sacerdotes católicos no seu lugar, para que ele continuem realizando o mesmo sacrifício que ele realizou. A eles transferiu o direito sobre a sua sagrada humanidade, deu-lhes igualmente poder sobre o seu corpo.

O sacerdote católico não pode simplesmente torná-lo presente no altar, fechá-lo no sacrário, retirá-lo novamente e estender aos crentes para que estes o saboreiem, ele {o sacerdote católico} até pode oferecer o Filho de Deus encarnado, seja vivo, seja morto, em sacrifício incruento. Cristo, o filho unigênito do Deus Pai, através do qual foram criados o céu e a Terra, que carrega todo o universo, é a vontade que está no sacerdote católico” (destaques do original).